

INSTRUMENTUM LABORIS

PARA O CAPÍTULO GERAL 2015

APRESENTAÇÃO

1. O presente documento, *Instrumentum Laboris* para o Capítulo Geral OFM de 2015, se baseia nas pesquisas que foram pedidas pelo Capítulo Geral de 2009, nos *Lineamenta* de 2013 e nas respostas aos *Lineamenta* recebidas pela Secretaria do Capítulo Geral. Uma subcomissão, nomeada pelo Definitório Geral, estudou todo o material recebido e, em vista do tema do Capítulo, *Fratres et minores in nostra aetate*, organizou o seguinte documento em dois temas maiores: *viver como irmãos* e *viver como menores*. O objetivo do *Instrumentum Laboris* é de facilitar a reflexão e as decisões a serem tomadas no contexto do próprio Capítulo, sem pretender descrever de modo exaustivo nem interpretar o abundante material que serviu à preparação do Capítulo.
2. Cada tema recebe, primeiramente, uma descrição da situação atual, baseada no *Relatório do Estudo sobre o estado da Ordem*, seguida por algumas iluminações ou reflexões sobre a situação, baseadas nas respostas dos frades e das Entidades da Ordem, com referências a textos franciscanos e eclesiais, de modo particular, à Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. A apresentação de cada tema vem seguida por algumas sugestões, que surgiram nas respostas aos *Lineamenta*, para a elaboração de eventuais propostas durante os trabalhos do Capítulo Geral.

Metodologia de trabalho

3. O *Instrumentum Laboris* serve como meio pedagógico para suscitar o diálogo fraterno entre os capitulares, a partilha das experiências, as preocupações e as esperanças, e, enfim, para formular as propostas a serem consideradas no Capítulo Geral da Ordem e, conseqüentemente, nas nossas Entidades e sobretudo na vida de cada frade.
4. Para alcançar este objetivo, ter-se-á à disposição, em um primeiro momento do Capítulo, um tempo de trabalho nos grupos linguísticos. Durante estes encontros nos grupos, pede-se que sejam avaliadas e escolhidas as sugestões discutidas, e sejam formuladas algumas propostas.
5. Num segundo momento, as propostas elaboradas nos grupos tornam-se a matéria/objeto do trabalho das Comissões Capitulares, segundo os assuntos e em harmonia com outras colocações apresentadas durante o Capítulo Geral (o Relatório do Ministro Geral, dos Serviços, do Serviço Fidelidade e Perseverança, etc.). A metodologia do trabalho prevê, na sequência, a qualificação das propostas em *Mandatos, Decisões Concretas e Orientações*.

1º) VIVER COMO IRMÃOS

INTRODUÇÃO

6. Como em cada seis anos, a Ordem é convocada a celebrar o seu Capítulo Geral ordinário de 10 de maio a 7 de junho de 2015, em Santa Maria dos Anjos, em Assis, tendo como tema principal *Irmãos e menores no nosso tempo*. No seu enunciado, tal título quer articular três elementos: a fraternidade, a minoridade e o momento atual. Note-se que a questão subjacente é como sermos irmãos e menores hoje.
7. A primeira parte do presente *Instrumentum Laboris* é dedicada ao tema da fraternidade hoje. As nossas *Constituições Gerais* expressam de maneira sintética a natureza e as implicações da fraternidade quando a apresentam como parte integrante da vida radicalmente evangélica à qual somos chamados e a põem em relação com o espírito de oração e devoção, com a penitência e com a minoridade, com a fraternidade universal e com o anúncio do Evangelho da justiça, da paz e do cuidado para com a criação¹. Esta mesma prospectiva foi recolhida e desenvolvida pelo Capítulo Geral de 2009 na ótica da lógica do dom, introduzindo o tema novo do diálogo com a cultura². Tal prospectiva inspirou o conteúdo desta primeira parte do *Instrumentum Laboris*. Deixaremos para a segunda parte o tema da minoridade e do cuidado e proteção da criação.

IRMÃOS NA VIDA COM DEUS

Situação

8. Nas *Sínteses do Relatório do Estudo sobre o estado da Ordem* aparece com clareza que cerca de dois terços dos frades (59,2%) participam assiduamente da oração em comum, mas, por outro lado, cerca de 65% não consegue estabelecer o equilíbrio entre o trabalho e a vida de oração. O desequilíbrio é sentido prevalentemente pelos frades jovens e pelos adultos de até 65 anos de idade.
9. Quase a metade (45,1%) se lamenta porque não vê valorizada a Palavra de Deus com a *leitura orante comunitária*, e mais da metade (57,7%) diz que na Fraternidade não há uma troca de experiências espirituais. As Fraternidades são pouco preparadas para a leitura orante da Palavra de Deus (*Lectio Divina*) (40%) e para a troca de experiências da vida de fé entre os frades (60%).
10. A mesma *Síntese do Relatório* diz que, enquanto é estatisticamente significativo (85,1%) o interesse pelos eventos da Igreja local e da Igreja universal, é menos incisiva a atenção para com os acontecimentos sócio-políticos (69,1%) e para com a partilha com os pobres e os marginalizados (63,9%). Segundo os especialistas, parece que a atenção aos sinais dos tempos, como motivação ideal para a própria espiritualidade, tenha sido substituída pelo predomínio da atenção privilegiada ao contexto imediato de cada um dos frades, seja o contexto geográfico seja o pessoal (*uma espiritualidade atenta aos sinais do contexto imediato*); ou, dizendo melhor, *uma espiritualidade da vida cotidiana*.

Iluminações

11. Segundo São Francisco, aquele que faz a profissão religiosa “é recebido à obediência”³: disso deriva que a escuta atenta da Palavra de Deus tem um papel fundamental na vida e no serviço dos frades. A vida de fraternidade adquire, portanto, o caráter de verdadeiro

¹ Cfr. CCGG art. 1§2.

² Cfr. *O Senhor nos fala ao longo do caminho*, documento do Capítulo Geral Extraordinário 2006, 26-47.

³ Cfr. *Rb* 2,11.

- “lugar teológico”, enquanto é o âmbito da escuta da voz de Deus; este faz supor que o espírito de discernimento tenha um papel determinante na nossa vida⁴.
12. O espaço privilegiado para a escuta é o Capítulo, que deve ter como finalidade prioritária “tratar das coisas referentes a Deus”⁵. Isso quer dizer que deve haver uma forte ligação entre os momentos dedicados à oração (a escuta de Deus) e os momentos dedicados ao encontro com os irmãos (a escuta dos irmãos).
13. A pergunta que somos chamados a fazer-nos neste Ano é se e como nós nos deixamos interpelar pelo Evangelho; se ele é de fato o “vademecum” para a vida de cada dia e para as escolhas que somos chamados a fazer. Ele é exigente e requer ser vivido com radicalidade e sinceridade. Não basta lê-lo (embora leitura e estudo continuam sendo de extrema importância), não basta meditá-lo (e o fazemos com alegria cada dia). Jesus nos pede que o pratiquemos, que vivamos as suas palavras⁶.

Sugestões para a elaboração das propostas

- a. Rever a forma e os conteúdos da oração em comum.
- b. Retomar a praxe da *lectio divina*.
- c. Aprender a escutar a voz de Deus também através da leitura dos “sinais dos tempos”, enquanto são Palavra de Deus através da qual Deus nos fala hoje, segundo a *Dei Verbum 2*.
- d. Servir-se da prática do discernimento franciscano.

A QUALIDADE EVANGÉLICA DAS NOSSAS RELAÇÕES FRATERNAS

Situação

14. A partir da pesquisa feita junto aos frades da Ordem, vê-se que as dificuldades maiores para viver com alegria a própria profissão religiosa e franciscana são representadas pela falta de comunicação interpessoal nas Fraternidades (46%), pela falta de organização interna (23,6%) e pela não-partilha das escolhas da Fraternidade (21%). A falta de relações satisfatórias na vida da Fraternidade vem indicada também como a primeira dificuldade que torna problemática e frágil a observância do voto de castidade (41,8%). Assim, o voto de obediência é muitas vezes posto em questão pela forte procura pessoal da própria autonomia, ou individualismo (36,1%), e por posturas de orgulho e soberba pessoal (25,6%). Em nível estrutural e organizacional, parece exprimir-se no baixo valor atribuído pela Fraternidade ao Capítulo Local (14,9%). Depois, a comunhão fraterna torna-se difícil pela excessiva carga de trabalho e pela *routine* cotidiana que afastam da vida da Fraternidade (34%), com o agravante da falta de apoio por parte dos confrades (30%).
15. “Em outras palavras, é a queixa sofrida e dramática de muitos frades que se traduz em formas de isolamento, de individualismo, de pouca caridade fraterna, de escasso acompanhamento e interesse, de pouco cuidado e atenção recíproca pela vida dos confrades, pelo seu trabalho pessoal, pelo interesse (não curioso e fofoqueiro) mas amoroso e cordial, que faz da fraternidade uma verdadeira... família. Em uma palavra,

⁴ Cfr. *Gaudium et Spes 4; Portadores do dom do Evangelho*, documento final do Capítulo Geral Extraordinário 2009, 29-30.

⁵ Cfr. *Rnb 18,1*.

⁶ *Carta Apostólica do Santo Padre Francisco a todos os consagrados por ocasião do ano da Vida Consagrada 1, 2*.

podemos identificá-lo na dificuldade de criar e gerir continuamente relações interpessoais que satisfaçam”⁷.

16. O *Relatório* evidencia também o problema da solidão e do abuso dos meios de comunicação social (Internet, celular...: 26,6%), como também a falta de equilíbrio nas amizades com mulheres e o surgimento de outras fragilidades afetivas.
17. Por outro lado, numa visão mais positiva, aparece na pesquisa que para 27% dos Frades a motivação da escolha vocacional foi a vida de fraternidade entre os frades.
18. Para 44,3% dos frades, a sua Fraternidade revela *bastante* abertura, diálogo e fraternismo com as pessoas de diferentes culturas e religiões, enquanto para 20,7% a resposta é ainda mais positiva e se fala de *muita* abertura, diálogo, etc.
19. Emerge também o desejo de 53,9% dos frades que consideram necessário melhorar a qualidade das relações em Fraternidade, para revitalizar a Ordem.

Iluminações

20. Segundo São Francisco, a nossa vocação é de sermos simplesmente Frades Menores:
21. ... e todos, do mesmo modo, sejam chamados frades menores⁸.
22. E nas relações mútuas, façam como diz o Senhor: “tudo o que desejardes que os homens façam a vós, fazei-o também a eles; e ainda: “guarda-te de jamais fazer a outrem o que não querias que te fosse feito”⁹.
23. E onde quer que estiverem e se encontrarem os irmãos, mostrem-se afáveis entre si. E, com confiança, manifestem um ao outro as suas necessidades, porque, se uma mãe ama e nutre seu filho carnal, com quanto maior diligência não deve cada um amar e nutrir a seu irmão espiritual?¹⁰.
24. Também o Papa Francisco convida a todos os cristãos, portanto, também a nós frades menores:
25. Aos cristãos de todas as comunidades do mundo, quero pedir-lhes de modo especial um testemunho de comunhão fraterna, que se torne fascinante e resplandecente. Que todos possam admirar como vos preocupais uns pelos outros, como mutuamente vos encorajais, animais e ajudais: “Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros” (Jo 13,35). Foi o que Jesus, com uma intensa oração, pediu ao Pai: “Que todos sejam um só (...) em nós para que o mundo creia” (Jo 17,21). Não deixemos que nos roubem o ideal do amor fraterno!¹¹
26. Por ocasião do Ano da Vida Consagrada, o Papa Francisco nos convida:
27. Os religiosos e as religiosas, como todas as outras pessoas consagradas, são chamados a ser «peritos em comunhão». Assim, espero que a «espiritualidade da comunhão», indicada por São João Paulo II, se torne realidade e que vós estejais na vanguarda abraçando «o grande desafio que nos espera» neste novo milênio: «fazer da Igreja a casa e a escola da comunhão»¹².
28. Ao mesmo tempo, a vida consagrada é chamada a procurar uma sinergia sincera entre todas as vocações na Igreja, a começar pelos presbíteros e os leigos, a fim de «fazer crescer a espiritualidade da comunhão, primeiro no seu seio e depois na própria comunidade eclesial e para além dos seus confins»¹³.

⁷ *Relatório da pesquisa sobre o estado da Ordem*, p. 67.

⁸ *Rnb* 6, 3.

⁹ *Rnb* 4, 3.

¹⁰ *Rb* 6,7-8.

¹¹ *EG* 99 e 101.

¹² *Carta apostólica do Santo Padre Francisco a todos os consagrados por ocasião do ano da vida consagrada* II, 3.

¹³ *Ivi*.

Sugestões para a elaboração das propostas

29. Promover processos de formação dos Ministros, dos Guardiães, e de quem tem a tarefa de animar as Fraternidades;
30. É urgente cuidar da nossa formação pessoal durante todo o arco da nossa existência, com uma particular atenção ao acompanhamento fraterno e pessoal, com uma particular valorização do projeto fraterno e pessoal de vida e missão.
31. Cultivar a vida fraterna com a oração programada e cuidada, com a Eucaristia na fraternidade, leitura orante da Palavra, exercícios espirituais, celebrações dos nossos santos...
32. “Trabalhar” a maturidade humana: as feridas, o autoconhecimento, os pressupostos humanos e espirituais da vida em fraternidade. Uma atenção específica seja dada à maturidade afetiva/sexual, em relação ao voto de castidade; falar com clareza sobre o tema e abordar a questão abertamente; ajudar para um equilíbrio nas relações afetivas e abordar as problemáticas afetivo-sexuais.
33. Educar-nos para um uso responsável dos instrumentos de comunicação.
34. Procurar meios e qualificação para administrar os conflitos na Fraternidade.
35. Retomar o Capítulo como mediação e lugar fundamental para animar a vida em fraternidade, para elaborar o nosso projeto de vida fraterna, para aprender e exercitar o discernimento, para escutar a Palavra de Deus e do irmão.

OS IRMÃOS LEIGOS

Situação

36. A pesquisa sobre o estado atual da Ordem oferece dados que nos convidam a refletir sobre o tema dos frades leigos. Diante de 66,8% de frades da Ordem que são clérigos, 25% são leigos. Isto é coerente com o fato de que 21,3% dos frades afirmem que, desde o início do seu chamado vocacional, cultivavam o desejo de serem sacerdotes, enquanto somente 9,5% declaram que se sentiram atraídos, desde o início, pela vocação à vida franciscana laical. Quando se trata de identificar as dificuldades que impedem de viver com alegria a própria consagração religiosa, 25,4% dos frades entrevistados assinalam o acentuado clericalismo da formação e da missão. Este último dado parece confirmar-se pelo fato de que, em 14 campos de pastoral nos quais os frades trabalham, a pastoral paroquial e dos santuários, somente as duas, concentram 63% dos frades da Ordem.

Iluminações

37. À luz dos dados relatados e da coincidência do *Ano da Vida Consagrada* com o nosso Capítulo Geral, parece oportuno voltarmos a nos ocupar com o tema dos frades leigos. O Papa Francisco nos convida a fazê-lo quando diz que este tipo de constatações relativas ao número decrescente de religiosos leigos, que às vezes se encontram também em outros contextos, não é, em si, um sinal dos tempos que pressagia o fim da vocação religiosa laical, mas, é, antes, um convite a discernirmos o que o Senhor nos está pedindo¹⁴. Não podemos negligenciar a sua enérgica denúncia de clericalismo como sendo um dos piores males da Igreja, e da hipocrisia, como seu fruto, motivo pelo qual ele nos chama a combatê-lo em todos os níveis, incluindo as casas de formação e os seminários¹⁵.

¹⁴ “Despertem o mundo!” Diálogo do Papa Francisco com a *União dos Superiores Gerais*, acontecido em Roma no dia 29 de novembro de 2013; publicado na *La Civiltà Cattolica* 3925 (2014) 3-17.

¹⁵ *Ivi*.

38. Neste sentido, os irmãos leigos oferecem à Ordem um válido contraponto ao clericalismo, enquanto nos recordam que no seu momento fundacional “o pequeno grupo de irmãos, gérmen da Ordem Franciscana, precede, naquele momento fontal, toda distinção ministerial. São simplesmente crentes que querem levar o Evangelho a sério”¹⁶. Este é um dado de que não devemos nos esquecer neste momento em que na Ordem se fala com insistência na necessidade de se refletir sobre a nossa identidade.
39. A Ordem, por sua vez, deu uma série de indicações a serem consideradas, sobretudo no âmbito da formação. O Capítulo Geral de 2009 reafirmou a exigência de uma formação única para todos os frades, mas sempre respeitosa para com os dons de cada um, e para com as diversas vocações suscitadas pelo Espírito, e se pergunta se o clericalismo na Ordem não tem a ver com o fato de que alguns formandos com vocação laical não encontram espaços, com outras dinâmicas formativas, fora do *cursus* clerical, e terminam por escolher a opção clerical¹⁷. Parece ainda conveniente convidar o Capítulo a refletir seriamente sobre a específica inserção do frade leigo na vida e missão da Ordem, e a assumir as correspondentes consequências práticas, na senda daquela “conversão eclesiológica” sugerida pelo Capítulo Geral de 2009¹⁸.

Sugestões para a elaboração das propostas

40. O Capítulo envie novamente um pedido ao Papa para que seja levado a cumprimento o que havia sido aceito no Sínodo sobre a Vida Consagrada de 1994 (a decisão sobre os assim chamados “institutos mistos”), já anunciado na *Vita Consecrata*, 61.
41. Avaliar a oportunidade de promover encontros dos irmãos leigos em nível regional e/ou geral.

IRMÃOS EVANGELIZADORES

42. A evangelização é um elemento estritamente ligado à nossa vida fraterna. A pesquisa demonstra que, no campo da evangelização, o âmbito decisivamente maioritário é do trabalho pastoral paroquial e de pregação (50,6%).
43. A certa distância, encontramos outros campos de trabalho: o trabalho social junto aos pobres, os marginalizados, os anciãos (22,1%), a pregação/direção espiritual (21,1%), a pastoral da juventude e vocacional (19,3%). Ainda mais minoritário é o trabalho na pastoral educativa nas escolas/colégios (15,7%), a pastoral dos Santuários (12,4%), os serviços administrativos da Ordem (11,2%), as missões ao povo (10,1%), a colaboração nas associações laicais (8,4%), a abertura a novas formas de evangelização (7,7%), o âmbito artístico-cultural (7,1%), o setor publicidade e dos novos *media* (6,2%), o voluntariado e os intercâmbios internacionais (1,7%).
44. A um pedido de avaliação sobre a índole franciscana da evangelização, mais da metade das respostas ao *Questionário* (54,7%) tendeu a considerar como sendo mais apropriada ao carisma franciscano uma pastoral que consolide uma vida eclesial realmente comunitária e solidária, junto a uma segunda escolha maioritária (49,6%) que privilegia o dar testemunho silencioso com o bom exemplo.

¹⁶ *Portadores do dom do Evangelho*, 6.

¹⁷ *Ivi*, 26

¹⁸ *Ivi*, 25.

4ª. Evangelizadores em fraternidade

45. Uma vida eclesial e fraterna realmente comunitária e solidária não é somente o fruto mas também o sujeito da evangelização franciscana. Trata-se, portanto, de focalizar o tema da *evangelização em fraternidade*, não apenas como indivíduos.

Situação

46. Onde se trabalha comunitariamente num projeto de evangelização pensado e gerido em conjunto, revelam-se *feedbacks* positivos, sobretudo para a própria vida fraterna: crescem as relações fraternas, os frades se conhecem e aprendem a estimar-se mais, partilham realmente algumas experiências. Também a administração prática dos trabalhos pastorais torna-se mais simples: se falta um frade, sem problemas ele pode ser substituído por um outro. Há *feedbacks* positivos também quanto à eficácia pastoral: as pessoas se dão conta da diferença entre esta proposta e as outras, e percebem um testemunho diferente, mais eficaz e mais franciscano. Por outro lado, percebe-se que a colaboração no interior da própria fraternidade é às vezes difícil, às vezes até mesmo impossível. O fracasso deste projeto pode criar fraturas entre os frades, membros da Fraternidade. Alguns frades da mesma Fraternidade não querem participar de um projeto compartilhado, e, portanto, às vezes, participam apenas alguns frades, mas não todos.

Iluminações

47. As nossas *Constituições Gerais*¹⁹ afirmam a relação entre Fraternidade e evangelização:
48. § 1 Toda a Fraternidade, ou seja, a Ordem, a Província e a Casa, bem como o frade individual, não vivam só para si, mas sejam úteis aos outros, procurando cultivar com todos os homens a mesma comunhão fraterna que cultivam entre si.
49. § 2 Sendo a comunhão fraterna, sustentada pela oração e pela penitência, o primeiro e preclaro testemunho do Evangelho e o sinal profético de uma nova família humana, a vida dos frades entre as pessoas seja tal que quem os vir ou ouvir, glorifique e louve o Pai que está nos céus.
50. E o Papa Francisco, dirigindo-se aos não-consagrados, escreve:
51. Podemos bem aplicar à vida consagrada o que escrevi na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, citando uma homilia de Bento XVI:
52. «A Igreja não cresce por proselitismo, mas por atração». É verdade! A vida consagrada não cresce, se organizarmos belas campanhas vocacionais, mas se as jovens e os jovens que nos encontram se sentirem atraídos por nós, se nos virem homens e mulheres felizes! De igual forma, a eficácia apostólica da vida consagrada não depende da eficiência e da força dos seus meios. É a vossa vida que deve falar, uma vida da qual transparece a alegria e a beleza de viver o Evangelho e seguir a Cristo²⁰.

Sugestões para a elaboração das propostas

53. Verificar a possibilidade e, eventualmente, propor que cada Fraternidade especifique ao menos um projeto pastoral que possa ser partilhado pela fraternidade inteira.

4b. Evangelizadores e formação cultural

54. Outro âmbito da evangelização franciscana é aquele que se constitui pela cultura. Ponha-se em discussão a tendência, expressa claramente pelos percentuais citados, a conceber o trabalho de evangelização somente em nível “paroquial”, e não também

¹⁹ CCGG Art. 87 §1.2.

²⁰ Carta Apostólica do Santo Padre Francisco a todos os consagrados, por ocasião do ano da vida consagrada, II, 1.

como diálogo cultural. Somos sempre menos preparados para evangelizar no sentido do encontro e do diálogo com as culturas contemporâneas.

Situação

55. O trabalho e compromisso no âmbito cultural parece ser bastante descuidado de nossa parte, ainda que seja preciso frisar que os frades que trabalham no campo artístico-cultural (7,1%) são sobretudo frades com um alto grau de estudo (38%), mas também diplomados (34%); quase a metade são jovens com menos de 45 anos de idade; são sobretudo sacerdotes, mas a presença dos irmãos leigos é particularmente elevada (36%); trabalham especialmente na Europa ocidental (44%) e na América Central e do Sul (19%).
56. Quanto a isso, é preciso recordar a recente situação de alguns Centros de estudo e de pesquisa da Ordem que estão em dificuldades e/ou em crise.

Iluminações

57. As nossas *Constituições Gerais* afirmam a necessidade de um esforço da Ordem para promover uma boa preparação intelectual aos frades:
58. § 1 Na Ordem e nas Províncias, promovam-se e cultivem-se com especial solícitude os estudos franciscanos, tanto filosóficos como teológicos;
59. § 2 Com o maior empenho, cuide-se da formação de professores especializados em espiritualidade, história franciscana, filosofia e teologia, que ministrem espírito e vida segundo o pensamento de São Francisco e demais Mestres da Ordem²¹.
60. A preparação intelectual é importante para evangelizar as culturas e inculturar o Evangelho. Assim diz o Papa Francisco:
61. Nos países de tradição católica, tratar-se-á de acompanhar, cuidar e fortalecer a riqueza que já existe e, nos países de outras tradições religiosas ou profundamente secularizados, há que se procurar novos processos de evangelização da cultura, ainda que suponham projetos a longo prazo. Entretanto, não podemos ignorar que há sempre um chamado ao crescimento: toda cultura e todo grupo social necessitam de purificação e amadurecimento²².

Sugestões para a elaboração das propostas

62. Como iniciar um projeto orgânico e apoiado (a longo prazo) para restabelecer o nível cultural/intelectual na Ordem? Elementos de um tal projeto:
63. Repensar os centros de estudo e de pesquisa (reestruturação ou talvez fundação de novos centros), possivelmente em nível inter-franciscano.
64. Preparar frades altamente qualificados.

4c. Irmãos em missão partilhada

Situação

65. Não nos esqueçamos da dimensão *ad extra*: a missão partilhada com quem não faz parte da Ordem. No laicato, em geral, e no laicato franciscano, em particular, temos um potencial de evangelização do qual não podemos privar nem a Igreja nem a Ordem.
66. Mas os resultados da pesquisa mostram que somente 16,8% dos frades considera a missão partilhada como um compromisso prioritário para a revitalização da Ordem, e 17,1% como um apoio eficaz para a evangelização.

²¹ CCGG art. 166

²² *Evangelii Gaudium* (=EG) 69.

Iluminações

^{67.} Assim afirmava o Capítulo Geral de 2009:

^{68.} Nós, frades menores, nos sentimos chamados a promover a evangelização partilhada com os leigos, como uma ação de autêntica restituição do Evangelho, dom de Deus para toda sua Igreja. Deste modo, os leigos exercem seu direito e seu dever de participar “na conservação, no exercício e na profissão da fé recebida”²³. O leigo é evangelizador por direito próprio, não por uma graciosa concessão nem muito menos a título de suplência para socorrer nossas carências de pessoal. Daí que devemos entrar em uma “conversão eclesiológica” que nos faça superar a mentalidade clerical que ainda prevalece entre alguns irmãos²⁴.

Sugestões para a elaboração de propostas

^{69.} Favorecer novas formas de espiritualidade e de participação dos leigos na nossa vida e na nossa espiritualidade, também mediante as diversas formas de “membros associados”²⁵.

²³ *Dei Verbum*, 10.

²⁴ *Portadores com o dom do Evangelho*, 25.

²⁵ *Cfr. Vita Consecrata*, 56.

2º) VIVER COMO MENORES

INTRODUÇÃO

70. Depois de ter tratado do tema da Fraternidade, passamos agora a ocupar-nos do seu complemento: a Minoridade. Na união de ambos encontramos a nossa identidade, pois, segundo a tradição bíblica veterotestamentária, a identidade reside no nome. O nosso nome fala de uma identidade eminentemente relacional: somos irmãos e somos menores. Se a Fraternidade especifica *o tipo* de relação que somos chamados a estabelecer com todos, a Minoridade define *o lugar* a partir do qual se estabelece tal relação: não a partir da afirmação – sem limite – do sujeito, mas, antes, a partir de uma atitude e de uma espiritualidade que deixem espaço para que o outro seja.
71. Para isso, é útil recordar que em um breve texto, belo e intenso ao mesmo tempo, o Capítulo Geral Extraordinário de 2006 assinalou que a Minoridade, além de determinar as nossas relações fraternas e o nosso trabalho de evangelização, é também uma questão de mística, pois nos leva a descobrir, em cada “outro” que encontramos, a presença de Deus, o radicalmente Outro²⁶. Caminhando nesta direção, nós, frades menores, somos chamados a ser relação que reconhece e afirma a alteridade em todas as suas dimensões: humana, cósmica e divina. O nosso nome é todo ele um programa de vida, de ação e de espiritualidade.

MENORES FRENTE AO ABURGUESAMENTO / SECULARIZAÇÃO

Situação

72. A partir das respostas obtidas na pesquisa, pode-se notar que 19,2% dos frades expressam o desejo de uma escolha evangélica mais radical, manifestando a vontade de viver em maior sobriedade e austeridade na própria vida religiosa. 26% dos frades consideram o estilo de vida da Ordem muito burguês (fala-se de *tranquilidade burguesa*), com uma incidência negativa na vida espiritual. Esta situação é capaz de provocar uma crise de fé e a perda da identidade do frade franciscano (25,5%). Ainda 48% dos frades mais jovens aspiram a uma radicalidade de testemunho evangélico. Entre os objetivos prioritários emerge a questão de um esforço mais explícito por um estilo de vida mais simples e solidário (47%). Nas respostas aos *Lineamenta*, muitos tratam deste ponto, em diversas entidades do mundo: a partir das respostas (sobretudo, mas não somente, da África e Europa) vem à tona o desejo de uma vida mais simples (no vestuário, na alimentação, no estilo de vida) e a preocupação de dar o exemplo de uma vida simples. Pede-se também a renúncia ao supérfluo. Alguns falam de um estilo de vida muito “como maiores”!
73. Em um nível mais positivo, observa-se que em algumas Províncias e países, os frades vivem a simplicidade na sua vocação e são atentos ao uso mais simples e mais pobre dos próprios bens. Eles se mostram contentes com isso, e a simplicidade da sua vida torna-se um testemunho reconhecido pelas pessoas. Em alguns países do norte da Europa, a secularização, que existe há muito tempo, propiciou às fraternidades a possibilidade de escolherem um estilo de vida mais simples e mais próximo das pessoas pobres.

²⁶ Cfr. *O Senhor nos fala ao longo do caminho*, 28.

Iluminações

74. No capítulo 10 da nossa *Regra*, São Francisco admoesta os frades “no Senhor Jesus Cristo que se preservem de toda soberba, vanglória, inveja, avareza, cuidados e preocupações deste mundo”²⁷.
75. Assim ele se exprime na *Admoestação* 19:
76. Bem-aventurado o servo que, sendo louvado e exaltado pelos homens, não se considera melhor do que quando é tido por insignificante, simplório e desprezível. Porque o homem vale o que é diante de Deus e nada mais. Ai do religioso que, enaltecido pelos outros, em sua obstinação não quer mais descer. E bem-aventurado o servo que não é por sua vontade enaltecido e que continuamente deseja ser posto debaixo dos pés dos outros.
77. O Papa Francisco insiste na autenticidade da vida dos religiosos: “é a vossa vida que deve falar, uma vida da qual transparece a alegria e a beleza de viver o Evangelho e seguir a Cristo”²⁸.
78. O Papa nos admoesta com força na *Evangelii Gaudium* a “sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho”²⁹, e alerta para aquele sutil aburguesamento eclesial que é o “mundanismo espiritual”, por ele descrito com eficácia:
79. O mundanismo espiritual, que se esconde por detrás de aparências de religiosidade e até mesmo de amor à Igreja, é buscar, em vez da glória do Senhor, a glória humana e o bem-estar pessoal. É aquilo que o Senhor censurava aos fariseus: “Como vos é possível acreditar, se andais à procura da glória uns dos outros, e não procurais a glória que vem do Deus único?” (*Jo* 5,44). É uma maneira sutil de procurar “os próprios interesses, não os interesses de Jesus Cristo” (*Fl* 2,21)³⁰.

Sugestões para a elaboração das propostas

80. Como enfrentar a crise de fé ligada ao aburguesamento e à falta de acompanhamento.
81. Como ajudar os frades a viverem neste tempo de secularização sem perder a identidade franciscana.
82. Como ajudar os frades a escolherem um estilo de vida mais simples, seja em nível pessoal, seja em nível de fraternidade. Como realizar uma formação permanente e um acompanhamento adequado ao discernimento e ao uso mais simples e sóbrio dos bens (carros, internet, hábitos, alimentos).
83. Como viver com os pobres e como os pobres.

MENORES PARA/COM OS POBRES

Situação

84. Partindo das respostas ao *Lineamenta*, reconhecemos que os pobres de hoje são identificados em uma gama extraordinariamente variada de categorias, que vai bem além do pobre apenas materialmente falando. Reconhecemos como pobres os doentes, os excluídos e marginalizados, os desprezados e esquecidos, os desesperados e privados do sentido da vida e de qualquer esperança, os famintos de comida e de Deus, os mais frágeis, os menos favorecidos, as mulheres excluídas e maltratadas, as crianças não ainda nascidas, os sem-teto, os toxicodependentes, os migrantes, as vítimas do tráfico de

²⁷ *Rb* 10,7; cfr. *Rnb* 17,9.

²⁸ Carta Apostólica do Santo Padre Francisco a todos os consagrados por ocasião da ano da vida consagrada, II, 1.

²⁹ *EG* 20.

³⁰ *Ivi*, 93; veja toda a sessão dedicada ao mundanismo espiritual (nn. 93-97)

seres humanos, os refugiados, os povos indígenas e as pessoas das periferias, os anciãos abandonados e também a criação explorada e instrumentalizada.

85. Segundo o *Relatório* da pesquisa sobre a situação da Ordem, um grupo bastante numeroso de frades trabalha no setor dos serviços sociais em favor dos pobres, dos anciãos e dos enfermos (22,1%) e a atenção aos pobres tem sua importância para a própria vida dos frades. A pesquisa nos revela também outros dados significativos. A vida simples das pessoas, com as quais os frades trabalham, torna-se uma fonte e um estímulo também para o seu crescimento espiritual (89,1%). Menos incisiva mostra-se a partilha da própria vida com os pobres e os marginalizados (28%). A exigência de uma mais direta imersão na vida dos pobres/marginalizados é sentida por 30,8% dos pesquisados: trata-se de cerca de um terço dos frades. É uma sensibilidade que faz pensar naquela outra prioridade, assinalada acima, sobre o estilo de vida simples e solidário. Cerca de um terço dos frades sente a exigência de trabalhar pelos pobres, drogados, doentes de AIDS, alcoólatras, os sem-teto (32,9%). Menor é o número dos frades que pedem para ter vida comum com os pobres, os marginalizados, os drogados, a ponto de compartilhar tudo com eles (24,6%). Ainda mais baixo é o percentual daqueles que sentem a necessidade de partilhar os bens materiais com os pobres (14,7%) ou de trabalhar para aliviar a pobreza dos outros (13%).

Iluminações

86. Para o nosso pai São Francisco, o encontro com os leprosos foi uma experiência decisiva no seu itinerário de conversão, e ele o reconheceu como verdadeira graça do Senhor:
87. Como estivesse em pecado, parecia-me deveras insuportável olhar para leprosos. E o Senhor mesmo me conduziu entre eles e eu tive misericórdia com eles. E enquanto me retirava deles, justamente o que antes me parecia amargo se me converteu em doçura da alma e do corpo. E depois disto demorei só bem pouco e abandonei o mundo³¹.
88. Francisco indica aos seus irmãos a vida vivida entre os pobres e marginalizados como um lugar de particular alegria:
89. E devem estar satisfeitos quando estão no meio de gente comum e desprezada, de pobres e fracos, enfermos e leprosos e mendigos de rua³².
90. Nas nossas *Constituições Gerais* a opção pelos pobres é amplamente requerida e desenvolvida. É, antes de tudo, um imperativo para todos os frades, porque faz parte da “sequela” de Cristo que por nós se fez pobre (cfr. art. 97§1), significa viver entre eles e aprender deles. (cfr. art. 66 §1 e 93 §1), partilhando com eles os bens (cfr. art. 72 §3), significa observar os acontecimentos e ler a realidade a partir deles (cfr. art. 97 §2). Ajudar os pobres e servi-los deve contribuir para que tenham maior consciência da sua dignidade, a defendam e a façam crescer (cfr. art. 97 §2), e isso significa também defender os seus direitos e denunciar tudo que os lese (cfr. art. 69 §1-2), agir pela justiça e pela paz (cfr. art. 96 §2). Tal reivindicação dos direitos deve partir da minoridade, vigiando atentamente contra qualquer tentação de poder, e deve ser praticada com a não-violência (cfr. 69 §1), evitando ainda julgar os grandes, os poderosos e os ricos (cfr. art. 98 § 1).
91. O Papa Francisco, desde o início do seu pontificado, testemunhou com gestos e palavras uma particular predileção pelos pobres. A escolha do seu nome é inspirada em São Francisco, entre outras coisas, por causa do seu amor pelos pobres. Ele quer uma Igreja pobre para os pobres. Para ele, a opção preferencial pelos pobres que a Igreja fez “é uma categoria teológica, antes de ser sociológica, política ou filosófica. Deus lhes concede

³¹ Test 1-3.

³² Rnb 9,2.

por primeiro a sua misericórdia”³³. Segundo ele, ninguém se pode manter longe dos pobres.

92. “A conversão espiritual, a intensidade do amor a Deus e ao próximo, o zelo pela justiça e pela paz, o significado evangélico dos pobres e da pobreza são exigidos a todos”³⁴.
93. Segundo o Papa, devemos ser capazes de tomar posição diante do atual modelo econômico e cultural:
94. Hoje devemos dizer “não a uma economia da exclusão e da desigualdade social”. (...) O ser humano é considerado, em si mesmo, como um bem de consumo, que se pode usar e depois lançar fora. Assim teve início a cultura do “descartável”, que, aliás, chega a ser promovida”³⁵.
95. Diante de uma tal realidade, o Papa Francisco pede a todos os cristãos abertura e boas disposições para “procurar comunitariamente novos caminhos”³⁶.

Sugestões para a elaboração de propostas

96. Impostar a evangelização franciscana com os seguintes elementos: partilha do pão com os pobres, participação nos movimentos sociais de libertação e nas iniciativas em favor dos direitos e da solução dos problemas humanos; criação de espaços para que os pobres possam exercitar a sua criatividade com o nosso apoio; anúncio da boa notícia do Evangelho, acompanhado da compaixão para com as pessoas que sofrem.
97. Criar novas formas de vida, de serviço, de presença e de testemunho evangélico, especialmente nas “periferias” geográficas e espirituais, aceitando também o inevitável redimensionamento vinculado com estas escolhas.
98. Criar Fraternidades inseridas, como presença nas “periferias”, de proximidade e serviço aos “sem”, aos pobres, marginalizados, aos “invisíveis e descartáveis” da nossa sociedade, e defender com eles os direitos e as reivindicações, denunciando as injustiças dos poderosos. Uma maior difusão deste tipo de Fraternidade pode motivar uma maior vivência da radicalidade do nosso carisma.
99. Orientar a formação inicial e permanente na perspectiva da minoridade, de modo que ela promova encontros com os pobres como lugar de nossa conversão, da busca de Deus, da comunhão com as realidades-limite do ser humano que ajudem a evitar a “vida cômoda”, a superar a cultura do individualismo, dos consumos, do bem-estar e abraçar livremente a vida de irmãos menores.

MENORES NA ECONOMIA

Situação

100. À luz das respostas aos *Lineamenta* vê-se que são poucos frades que consideram importante ganhar o necessário para a vida com o próprio trabalho (18%). Por outro lado, há alguns sinais que indicam dificuldades em ser menores e viver como menores, como o padrão fácil e seguro da vida das Fraternidades que não são atingidas pela crise econômica geral, o costume difundido de “apropriar-se” indevidamente do dinheiro recebido, bem como dos cargos, das atividades e das obras consideradas pessoais. Sobre este ponto, os relatórios dos Visitadores Gerais, em geral, são concordes em afirmar que frequentemente, muito frequentemente, existe nas Províncias uma economia não transparente, individual em muitos casos, destinadas ao bem-estar mais que à

³³ EG 198.

³⁴ *Ivi* 201.

³⁵ *Ivi* 53.

³⁶ *Ivi* 201.

solidariedade e à comunhão. Por outro lado, constata-se que muitos frades sentem a necessidade de recuperar o significado profundo da minoridade também naquela dimensão que diz respeito ao viver “sine próprio” e em solidariedade. Muitas Fraternidades da Ordem vivem na simplicidade, com um estilo austero, disponível mesmo a doar o “excedente” das suas economias locais, abertas aos desafios e às emergências que se apresentam à sua atenção. De fato, 47% dos entrevistados pedem um explícito e direto empenho por um estilo de vida mais simples e solidário. Um esforço que chegue a transformar cada frade em “um sinal profético que denuncie os ‘falsos valores’ do nosso tempo”³⁷.

Iluminações

101. O ser menores é a expressão radical da *sequela* de Cristo, que se esvaziou e se abaixou (*kenosis*), lavou os pés e se solidarizou com a humanidade frágil e pecadora. A minoridade é a modalidade concreta de viver o *sine próprio*, a não-apropriação indevida, diante de Deus, dos irmãos, de si mesmo e de toda a criação.
102. “Os irmãos, aos quais o Senhor deu a graça de trabalhar, trabalhem com fidelidade e devoção, de maneira que afugentem o ócio, inimigo da alma, e não percam o espírito de oração e piedade, ao qual devem servir todas as coisas temporais. Quanto à paga do trabalho, recebam o que for necessário ao corpo, para si e seus irmãos, exceto dinheiro de qualquer espécie; e isto façam com humildade, como convém a servos de Deus e seguidores da mais santa pobreza”³⁸.
103. As nossas *Constituições Gerais* dizem: “Os frades usem o dinheiro da maneira que convém a pobres”³⁹.
104. Diz o Papa Francisco que quando o dinheiro se transforma em um ídolo, em um fetiche, o homem torna-se seu escravo, e, de fato, se nega o primado da pessoa humana, afirmando com força: “O dinheiro deve servir e não governar!”⁴⁰; então a necessidade de reencontrar uma ética, que remete a um Deus que está fora e acima das leis do mercado⁴¹.
105. Na carta à Ordem pela festa de São Francisco de 2012⁴², o Definitório Geral se perguntava como podemos viver hoje, de modo fiel e significativo, a nossa escolha pela pobreza, e propunha “uma análise exigente sobre o nosso estilo de vida, sobre a aplicação concreta do *sine próprio*, sobre a organização econômica das nossas instituições”, e se questionava:
106. Como justificar as contas bancárias pessoais ou o reter para si bens (salários, aposentadorias, doações...) que pertencem à Fraternidade e que deveriam ser compartilhados também com os pobres mais necessitados? Somos honestos com a sociedade pagando os impostos?
107. Estamos em dia, segundo as leis, com os nossos funcionários? (...) Como podemos infundir coragem e esperança nos novos pobres, se nós próprios não conseguimos abrir mão de tantas “necessidades não necessárias”⁴³?
108. No mais recente subsídio *A administração franciscana da economia* se diz:
109. Todas as entidades que recebem subvenções de alguma fonte, também da Cúria Geral, devem administrar os fundos de maneira transparente, cuidando de utilizá-los para as

³⁷ CCGG art. 67.

³⁸ Rb cap. 5; cf. Test 20-22.

³⁹ CCGG art. 82 §1.

⁴⁰ EG 58.

⁴¹ Uma análise aprofundada neste sentido se encontra in EG 52-59.

⁴² *Solidários e responsáveis. Os Frades Menores na crise atual*. Carta do Definitório Geral para a festa de São Francisco 2012.

⁴³ *Ivi*.

finalidades para as quais foram pedidos, e prestando contas das exigências da agência de fundos no final do projeto. No que diz respeito às doações, é preciso fazer um discernimento atento porque algumas são boas e não trazem problemas, mas outras não deveriam ser aceitas, nem mesmo para dar-lhes uma finalidade social. Pode haver algumas doações provenientes de injustiça ou de “dinheiro sujo”. A tradição cristã, desde os primeiros tempos, pede que a Igreja não aceite tais ofertas⁴⁴.

Sugestões para a elaboração das propostas

- ^{110.} Propor estratégias específicas para implementar uma economia fraterna e transparente, seja em nível de toda a Ordem, seja nas Províncias e nas Fraternidades locais.
- ^{111.} Prestar contas à Fraternidade das contas bancárias pessoais. Verificar em quais bancos foi posto o nosso dinheiro, controlando os investimentos que se realizam com os nossos depósitos.
- ^{112.} Rever os nossos espaços, os nossos bens imóveis, em vista de um trabalho mais eficaz de promoção. Seremos mais eficazes e práticos no exercício da nossa pobreza, tendo como referência os pobres do nosso tempo.
- ^{113.} Reforçar a solidariedade entre as Províncias da Ordem em todos os níveis (econômico, de competências, de organização).

7b. Por uma economia de comunhão e de solidariedade

Situação

- ^{114.} A *Síntese do relatório sobre o estado da Ordem* assinala as respostas que dizem respeito à escassa partilha dos bens entre as diversas Fraternidades de uma mesma Província, especialmente nas regiões onde há grande pobreza; enfim, há uma certa assimetria na distribuição dos bens entre as diversas Fraternidades. Por outro lado, a pesquisa mostra como ainda, entre os frades, é muito baixa a exigência de trabalhar por uma economia justa e solidária (19,2%) ou de promover formas de participação política, social e cultural (12,2%).
- ^{115.} Nos *Lineamenta*, citando o *Relatório*, se diz que poucos frades acreditam na importância de compartilhar os bens materiais com os pobres (14%), ou mesmo de praticar uma solidariedade efetiva com as vítimas das injustiças ou aliviar a pobreza dos outros (13%).

Iluminações

- ^{116.} A nossa espiritualidade e tradição nos oferecem chaves de leitura e de discernimento muito importantes. São Francisco era convicto de que todos os bens, espirituais e materiais, pertencem a Deus, que os doa para o bem de todos: não pertencem a nós pessoalmente⁴⁵. Nós os recebemos como administradores, para pô-los a serviço de todos.
- ^{117.} A isso está ligada a restituição. Para Francisco, a partilha ou a solidariedade é uma consequência lógica do seu conceito de propriedade. Para ele, Deus é o único possuidor de todos os bens, e os distribui com generosidade a todas as pessoas⁴⁶. O uso das coisas é determinado pela necessidade: as coisas são de quem delas precisam. Para Francisco, a doação do manto aos pobres não é outra coisa senão uma restituição, entendida como

⁴⁴ *A administração franciscana da economia*, Subsídio do Definitório Geral para a formação sobre o uso transparente, solidário e ético dos nossos recursos econômicos, Roma 2014, p. 19.

⁴⁵ cf. *Rnb* 17,18.

⁴⁶ cf. *2Cel* 77.

justiça; ele se sentia um ladrão se não partilhava aquilo que tinha com quem tivesse mais necessidade⁴⁷.

118. Na profissão prometemos usar as coisas “em pobreza e humildade”, e utilizar os bens de modo a serem “compartilhados em benefício dos pobres”⁴⁸. As *Constituições Gerais* pedem ainda a todos os frades que “considerem o trabalho e o serviço como um dom de Deus, e, assim, se apresentem como menores que ninguém deve temer, pois procuram servir e não dominar”⁴⁹.
119. Admitindo que a nossa pobreza é sempre um pouco anômala, pois não indica nunca uma total precariedade ou falta de segurança, reconhecemos que a palavra “pobreza” “não indica a falta absoluta de bens mas, antes, uma sobriedade e simplicidade no uso das coisas, uma *ética do suficiente* que se contrapõe, de muitas maneiras, à atual sociedade dos consumos (... e ainda) se quisermos ser mais pobres, também materialmente, temos que começar a *compartilhar os bens* que usamos com os pobres do nosso tempo”⁵⁰.
120. O Papa Francisco diz à comunidade cristã, e também a nós: “Exorto-vos à solidariedade desinteressada e a um retorno da economia e das finanças a uma ética que seja em favor do ser humano”⁵¹.
121. E na citada carta pela Festa de São Francisco de 2012, o Definitório Geral afirmava:
122. As nossas escolhas no campo do consumo, da poupança e da partilha são uma contribuição (ou uma privação) importante para construir uma economia solidária, a serviço da pessoa e de todas as pessoas. Por isso temos também que tomar consciência de que tal nova economia solidária não será apenas o resultado de decisões de alta política econômica, mas ela brota também daquilo que nós podemos oferecer com o nosso modo de viver e de agir... uma economia de partilha nos faz realmente irmãos dos pobres e dos menores⁵².

Sugestões para a elaboração das propostas

123. Estabelecer as estratégias específicas para implementar uma economia mais solidária para com os pobres, participando das iniciativas já em curso na sociedade (por exemplo, o “microcrédito”).
124. Interrogarmo-nos se o dinheiro que nos é dado para os pobres é realmente usado todo para os pobres.
125. Refletir sobre a possibilidade de uma utilização dos bens imóveis em favor dos pobres.

MENORES NO CUIDADO PARA COM A CRIAÇÃO

Situação

126. Segundo os resultados da pesquisa sobre o estado atual da Ordem, somente 8,3% dos frades incluem a ecologia na própria noção de minoridade, muito abaixo do ser operadores de justiça e paz (15,9%). Um quinto dos entrevistados (21%) considera que o compromisso com a justiça, paz e cuidado para com a criação deveria ser prioritário no próximo sexênio, mesmo se, contraditoriamente, este compromisso seja posto em terceiro lugar entre as formas de evangelização mais características do carisma

⁴⁷ cf. 2Cel 87;92.

⁴⁸ CCGG art. 72 §1.3.

⁴⁹ *Ivi* art. 76 §1.

⁵⁰ *Peregrinos e forasteiros neste mundo*, Subsídio para a formação permanente sobre o Capítulo IV das Constituições Gerais OFM, Roma 2008, p. 89 (consultável no site ofm.org)

⁵¹ EG 58.

⁵² Solidários e responsáveis.

franciscano. Em uma escala de medida “muito – suficiente – pouco – nada”, o cuidado com as coisas materiais, em espírito de respeito para com a criação, se situa em uma média que oscila entre muito e suficiente, enquanto a salvaguarda da criação, entendida como esforço pessoal e comunitário dos frades frente aos novos desafios mundiais e às prioridades da OFM, mostra-se numa média que oscila entre pouco e suficiente. É digno de nota o fato de que a integridade da criação não apareça entre as exigências da formação inicial. Com referência a esse tema, a formação permanente não foi levada em consideração no *Relatório*. Em suma, podemos dizer com os *Lineamenta* que falta bastante para se desenvolver uma verdadeira “ecologia franciscana” e que ela, de fato, não entrou na sensibilidade dos frades em geral.

Iluminações

- ^{127.} A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, que tem um caráter programático para a vida e a missão da Igreja nos próximos anos⁵³, indica como sendo uma das principais tarefas evangelizadoras da Igreja de hoje o delicado cuidado da fragilidade em todas as suas manifestações, humanas e cósmicas, que se vê ameaçada pelo modelo econômico em que estamos imersos e pela cultura do sucesso e do privado, gerada por este modelo⁵⁴. Os *Lineamenta* se põem na mesma linha de pensamento quando denunciam a relação entre economia e ecologia, ressaltando que o sistema de economia de mercado no qual vivemos promove uma economia “do descarte”, do desperdício e da exploração, onde falta uma ética dos recursos naturais.
- ^{128.} Por isso, nós, frades menores, consideramos altamente significativo e nos sentimos interpelados pelas expressões com que o Papa Francisco conclui o discurso sobre o cuidado da fragilidade universal:
- ^{129.} Pequenos mas fortes no amor de Deus, como São Francisco de Assis, todos nós, cristãos, somos chamados a cuidar da fragilidade do povo e do mundo em que vivemos⁵⁵.
- ^{130.} Mas como se deve entender a expressão “como São Francisco de Assis”? Não significa apenas, nem antes de tudo, *sob seu exemplo*, mas, antes, *ao seu modo*, e este modo é assinalado pela minoridade. É a partir da fraternidade minorítica que Francisco estabelece uma nova relação com a criação. Chamando de “irmão e irmã” a todas as criaturas, ele as afasta da autorreferencialidade dominadora do homem que lhes atribui, como fim único, o seu próprio serviço. São Francisco, porém, as vê como fim em si mesmo, e, portanto, como seres dotados de dignidade própria. O Capítulo Geral extraordinário de 2006 mostrou com muita clareza as consequências para a missão evangelizadora dos frades⁵⁶.

Sugestões para a elaboração das propostas

- ^{131.} Promover em nível de Ordem um processo de conversão ecológica inspirado no subsídio *Proteção da criação na vida cotidiana dos frades menores*, publicado pelo Serviço de Justiça e Paz, em 2011⁵⁷.
- ^{132.} Promover na formação inicial e permanente uma compreensão da minoridade que inclua a proteção da criação como elemento irrenunciável.
- ^{133.} Fazer as escolhas necessárias para fazer de nossa economia uma alternativa ao modelo econômico atual, em espírito de respeito à pessoa humana e ao meio-ambiente.

⁵³ EG 18,25.

⁵⁴ *Ivi* 209-215.

⁵⁵ *Ivi* 216.

⁵⁶ *O Senhor nos fala ao longo do caminho*, 30.

⁵⁷ O documento está disponível no site da Ordem ofm.org.

- ^{134.} Encontrar formas de participação e colaboração com as organizações que se ocupam com a gestão dos problemas de justiça ambiental.

ORAÇÃO

- ^{135.} Senhor, junto com a graça de trabalhar,
dá-nos o *espírito de oração e devoção*,
para que nos empenhemos com maior entusiasmo na tua obra criadora;
a *fraternidade*, para vivermos em comunhão, para discernirmos, escolhermos e fazermos
juntos os nossos trabalhos;
a *minoridade e a humildade*, para superarmos todo tipo de medo e de poder;
a *liberdade*, para não nos apropriarmos das obras e iniciarmos novas formas de
presença;
a *gratuidade*, para apagar qualquer desejo de enriquecimento e acúmulo;
a *solidariedade*, para nos sensibilizarmos com os pobres, estando como eles e
trabalhando com eles;
a *justiça*, para abandonarmos todo tipo de exploração;
a *honestidade*, para usarmos os bens de modo pobre e fraterno.
Senhor, faze com que, pela nossa vida e compromisso,
ti restituamos, através dos pobres,
todos os bens que de ti recebemos. Amém.